

Sobre os anjos o que diz João Paulo II

ÍNDICE

1 - Apresentação

2 - Criador das coisas "invisíveis": os Anjos

3 - A queda dos anjos rebeldes

4 - A vitória da Cristo sobre o espírito do mal

5 - Anjos, mensageiros da vontade redentora de Deus

6 - A realidade de Satanás e as suas insídias contra o homem (D. Ângelo Scola)

7 - São Miguel Arcanjo - pronunciamento no Monte Sant'Ângelo, em S. Giovanni Rotondo, província de Foggia, Itália

8 - Na visita ao Santuário de São Miguel Arcanjo, na diocese de Susa, Itália

9 - A vitória da Cristo sobre o espírito do mal

Apresentação

Ultimamente renasce o interesse geral pelos anjos. Todas as crenças (e até os que se declaram ateus!) procuram estudar e buscam visualizar a realidade angélica.

Algumas pessoas fazem fortuna editando livros a respeito. E, muitas vezes, buscando apenas saciar a imaginação dos ávidos leitores, sem qualquer outro fundamento ou consideração dessa mesma realidade.

Nessas circunstância, parece essencial que os católicos, em primeiro lugar, e os estudiosos, em geral, conheçam a manifestação do Papa João Paulo II.

É evidente que os ensinamentos do Santo Padre espelham, com rigor, o que a Igreja, fundamentada nas Sagradas Escrituras, na Tradição, nos longos séculos de experiência, tem a dizer sobre os Santos Anjos. Para todos os cristãos e para os católicos, em particular.

Todos os textos foram transcritos, rigorosamente, da publicação oficial dos pronunciamentos, que é o jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, com as indicações precisas sobre o local onde podem ser encontrados.

São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate!

- 1 -

Criador das coisas "invisíveis": os Anjos

Alocução da Audiência geral de quarta-feira, 30 de julho de 1986. publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português n. 31 (871), 3 de agosto de 1986, pág. 12 (378)

1. Na catequese passada detivemo-nos sobre o artigo do Credo com o qual proclamamos e confessamos Deus criador não só de todo o mundo criado, mas também das "coisas invisíveis", e tratamos o argumento da existência dos anjos chamados a declarar-se por Deus ou contra Deus com um ato radical e irreversível de adesão ou de rejeição da sua vontade de salvação.

Ainda segundo a Sagrada Escritura, os anjos, enquanto criaturas puramente espirituais, apresentam-se à reflexão da nossa mente como uma especial *realização da "imagem de Deus"*. Espírito perfeitíssimo, como Jesus mesmo recorda à samaritana com estas palavras: "Deus é espírito" (Jo. 4, 24). Os anjos são, sob este ponto de vista, as criaturas mais próximas do modelo divino. O *nome* que a Sagrada Escritura lhes atribui indica que aquilo que mais conta na Revelação é a verdade acerca das *tarefas dos anjos em relação aos homens*: anjos (ângelus) que dizer, com efeito, "mensageiro". O hebraico "*malak*" usado no Antigo Testamento significa mais propriamente "*delegado*" ou "*embaixador*". Os anjos, criaturas espirituais, têm função de mediação e de ministério nas relações mantidas entre Deus e os homens. Sob este aspecto, a Carta aos Hebreus dirá que a Cristo foi dado um "nome", e por conseguinte um ministério de mediação, muito mais excelso que o dos anjos (cf. *Heb.* 1, 4).

2. O Antigo Testamento salienta sobretudo a *especial participação dos anjos* na celebração da *glória* que o Criador recebe como tributo de louvor da parte do mundo criado. São de modo especial os Salmos que se fazem intérpretes desta voz, quando, por exemplo, proclamam: "Louvai o Senhor, do alto dos céus, / Louvai-O nas alturas do firmamento. / Louvai-O, Vós todos os Seus anjos ... (Sl. 148, 1-2). E de modo idêntico o Salmo 102 (103): "Bendizei o Senhor ... Vós todos os Seus anjos, / Que sois poderosos

- 2 -

em força, que cumpris as Suas ordens, / sempre dóceis à Sua palavra" (Sl. 102/103, 20). Este último versículo do Salmo 102 indica que os anjos *tomam parte*, do modo que lhes é próprio, no governo de Deus sobre a criação, como "poderosos ... que cumprem as suas ordens" segundo o plano estabelecido pela Divina Providência. Em particular estão confiados aos anjos um cuidado especial e solicitude pelos homens, em nome dos quais apresentam a Deus os seus pedidos e as suas orações, como nos recorda,

por exemplo, o *Livro de Tobias* (cf. especialmente *Tob. 3, 17 e 12, 12*) enquanto o Salmo 90 proclama: "Mandou os Seus anjos .../ Eles te levarão nas suas mãos, / Para que não tropeces em pedra alguma" (cf. *Sl. 90/91, 11/12*). Seguindo o Livro de Daniel pode-se afirmar que as tarefas dos anjos, como embaixadores do Deus vivo, abrangem não só os homens individualmente e aqueles que têm especiais tarefas, mas também nações inteiras (*Dan., 10, 13-21*).

3. O Novo Testamento põe em realce as *tarefas* dos anjos em relação à *missão de Cristo como Messias*, e primeiro que tudo em relação ao *mistério da encarnação do Filho de Deus*, como verificamos na descrição do anúncio do nascimento de João o Batista (cf. *Lc. 1, 11*), na do próprio Cristo (cf. *Lc. 1, 26*), mas explicações e disposições dadas a Maria e a José (cf. *Lc. 1, 30-37; Mt. 1, 20-21*), nas indicações dadas aos pastores na noite dos nascimento do Senhor (cf. *Lc. 2, 9-15*), na proteção ao recém-nascido perante o perigo da perseguição de Herodes (cf. *Mt. 2,13*).

Mais adiante os Evangelhos falam da presença dos anjos durante os 40 dias de jejum de Jesus no deserto (cf. *Mt. 4, 11*) e durante a oração no Getsemani (*Lc. 22, 43*). Depois da ressurreição de Cristo será ainda um anjo, sob a aparência de um jovem, que dirá às mulheres que tinham ido ao sepulcro e ficaram surpreendidas por o encontrar vazio: "Não vos assusteis. Buscais a Jesus de Nazaré, o crucificado. Ressuscitou, não está aqui ... Ide, pois, dizer aos Seus discípulos ... " (*Mc. 16, 5-7*). Dois anjos foram vistos por também por Maria Madalena que é privilegiada com uma aparição pessoal de Jesus (*Jo. 20, 12-17*; cf. também *Lc. 24, 4*). Os anjos "apresentam-se" aos apóstolos depois de Cristo desaparecer, para lhes dizer: "Homens da Galiléia, porque estais assim a olhar para o céu? Este Jesus, que vos foi arrebatado para o Céu, virá da mesma maneira, como agora O vistes partir para o Céu" (*At. 1, 10-11*). São os anjos da vida, da paixão e da glória de Cristo. Os anjos d'Aquele que, com escreve São Pedro, "subiu ao céu, e está sentado à direita de Deus, depois deter recebido a submissão dos anjos, dos principados e das potestades" (1 *Ped. 3, 22*).

- 3 -

4. Se passarmos à *nova vinda de Cristo*, isto é, à "*Parusia*", encontramos que todos os sinóticos narram que "o Filho do Homem ... virá na glória de Seu Pai, com os santos anjos" (tanto *Mc. 8, 38*; como *Mt. 16, 27 e Mt. 25, 31* na descrição do juízo final; e *Lc. 9, 26*; cf. também São Paulo 2 *Tess. 1, 7*). Pode-se portanto dizer que os anjos, como puros espíritos, não só participam do modo que lhes é próprio, da santidade de Deus mesmo, mas *nos momentos-chaves rodeiam Cristo e acompanham-No no cumprimento da sua missão salvífica* em relação aos homens. Igualmente ao longo dos séculos, também toda a Tradição e o magistério ordinário da Igreja atribuíram aos anjos este particular caráter e esta função de ministério messiânico.

"A queda dos anjos rebeldes"

Alocução, como publicada no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português n. 33 (873), 17 de agosto de 1986, pág. 8 (394).

1. Continuando o argumento das catequeses passadas,

dedicadas ao artigo da fé respeitante aos anjos, criaturas de Deus, concentramo-nos hoje a explorar o *mistério da liberdade* que alguns deles orientaram contra Deus e o seu plano de salvação em relação aos homens.

Como testemunha o evangelista Lucas no momento em que os discípulos voltavam ao Mestre cheios de alegria pelos frutos recolhidos no seu tirocínio missionário, Jesus pronuncia uma frase que faz pensar: "*Eu vi Satanás cair do céu como um raio*" (Lc. 10, 13). Com estas palavras o Senhor afirma que o anúncio do reino de Deus é sempre uma vitória sobre o diabo, mas ao mesmo tempo revela também que a edificação do Reino está continuamente exposta às insídias do espírito do mal. Interessar-se por isto, como pretendemos fazer com a catequese de hoje, quer dizer *preparar-se para a condição de luta* que é própria da vida da Igreja neste tempo derradeiro da história da salvação (como afirma o Livro do Apocalipse, cf. 12, 7). Por outro lado, isto permite esclarecer a *recta fé da Igreja* perante quem a alteração exagerando a importância do diabo, ou quem nega ou minimiza o seu poder maléfico.

- 4 -

As catequeses passadas acerca dos anjos preparam-nos para compreender a verdade que a Sagrada Escritura revelou e que a Tradição da Igreja transmitiu sobre satanás, isto é, sobre o anjo caído, o espírito maligno, chamado também diabo ou demônio.

2. Esta "queda", que apresenta o carácter da rejeição de Deus com o conseqüente estado de "danação", consiste na livre escolha daqueles espíritos criados, que radical e irrevogavelmente rejeitaram Deus e o seu reino, usurpando os seis direitos soberanos e tentando subverter a economia da salvação e a própria ordem da criação inteira. Um reflexo desta atitude encontra-se nas palavras do tentador aos progenitores: "*sereis como Deus*" ou "*como deuses*" (cf. *Gen.* 3,5). Assim o espírito maligno tenta insuflar no homem a atitude de rivalidade, de insubordinação e de oposição a Deus, que se tornou quase a motivação de toda a sua existência.

3. No Antigo Testamento, a narração da queda do homem, apresentada no livro do Gênesis, contém uma referência à atitude de antagonismo que satanás quer comunicar ao homem para levar à transgressão (*Gen.* 3, 5). Também no livro de Job (cf. *Job* 1, 11; 2, 5-7) vemos que satanás procura fazer nascer a rebelião no homem que sofre. No livro da Sabedoria (c. *Sab.* 2, 224) satanás é apresentado como o artífice da morte, que entrou na história do homem juntamente com o pecado.

4. A Igreja, no Concílio Lateranense IV (1215), ensina que o diabo (ou satanás) e os outros demônios "*foram criados bons por Deus mas tornaram-se maus por sua própria vontade*". De fato, vemos na Carta de São Judas: "Os anjos que não souberam conservar a sua dignidade, mas abandonaram a própria morada. Ele os guardou para o julgamento do grande dia, em prisões eternas e no fundo das trevas" (*Jud.* 6). De modo idêntico, na *segunda Carta de São Pedro* fala-se de "anjos que pecaram" e que "Deus não poupou ... e os precipitou nos abismos reservados para o Juízo" (*2 Ped.* 2, 4). É claro que se Deus "não perdoa" o pecado dos anjos fá-lo porque eles permanecem no seu pecado, porque *estão eternamente "nas prisões" daquela escolha que fizeram no início*, rejeitando Deus, sendo contra a verdade do Bem supremo e definitivo que é Deus mesmo. Neste sentido são João escreve que "*o demônio peca desde o princípio*" (*1 Jo.* 3,8). E foi

assassino "desde o princípio" e "não se manteve na verdade, porque nele não há verdade" (Jo. 8, 44).

- 5 -

5. Estes textos ajudam-nos a compreender a natureza e a dimensão do pecado de satanás, consistente na rejeição da verdade acerca de Deus, conhecido à luz da inteligência e da revelação como Bem Infinito, *Amor e Santidade subsistente*. O pecado foi tanto maior quanto maior era a perfeição espiritual e a perspicácia cognoscitiva do intelecto angélico, quanto maior era a sua liberdade e a proximidade de Deus. *Rejeitando a verdade* conhecida acerca de Deus com um ato da própria vontade livre, satanás torna-se "mentiroso" cósmico e "pai da mentira" (Jo. 8, 44). Por isto ele vive na radical e irreversível negação de Deus, e procura impor à Criação, aos outros seres criados à imagem de Deus, e em particular aos homens, e sua trágica "mentira acerca do Bem" que é Deus. No Livro do Gênesis encontramos uma descrição precisa desta mentira e falsificação da verdade acerca de Deus, que satanás (sob forma de serpente) tenta transmitir aos primeiros representantes do gênero humano: Deus seria cioso das suas prerrogativas e impor, portanto, limitações ao homem (cf. *Gen. 3, 5*). Satanás convida o homem a libertar-se da imposição deste jugo, tornando-se "como Deus".

6. Nesta condição de mentira existencial satanás torna-se - segundo São João - também "assassino", isto é, *destruidor da vida sobrenatural* que Deus desde o princípio tinha introduzido nele e nas criaturas, feitas à "imagem" de Deus; os outros puros espíritos e os homens; *satanás quer destruir a vida segundo a verdade*, a vida na plenitude do bem, a sobrenatural *vida de graça e de amor*. O autor do Livro da Sabedoria escreve: "Por inveja do demônio é que a morte entrou no mundo, e prová-la-ão os que pertencem ao demônio" (*Sab. 2, 24*). E no Evangelho Jesus Cristo adverte: "*temei antes aquele que pode fazer perecer na Geena o corpo e a alma*" (*Mt. 10, 28*).

7. Como efeito do pecado dos progenitores este anjo caído conquistou *em certa medida o domínio sobre o homem*. Esta é a doutrina constantemente confessada e anunciada pela Igreja, e que o *Concílio de Trento* confirmou no tratado sobre o pecado original (cf. *DS 1511*): ela encontra dramática expressão *na liturgia do batismo*, quando ao catecúmeno se pede para renunciar ao demônio e às suas tentações.

Deste influxo sobre o homem e sobre as disposições do seu espírito (e do corpo), encontramos várias indicações na Sagrada Escritura, na qual satanás é chamado "*o príncipe deste mundo*" (cf. *Jo. 12, 31; 14, 30; 16, 11*), e até "*o deus deste mundo*" (*2 Cor. 4,4*). Encontramos *muitos* outros *nomes* que descrevem as suas nefastas relações com o homem: "Belzebu" ou

- 6 -

"Beljal", "*espírito imundo*", "tentador", "maligno" e por fim "anticristo" (*1 Jo. 4, 3*). É comparado com um "leão" (*1 Ped. 5, 9*), com um "dragão" (no Apocalipse) e com uma "serpente" (*Gen. 3*). Com muita frequência, para o designar é usado o nome "diabo", do grego "*diaballein*" (daqui "*diabolos*"), que significa: causar a destruição, dividir caluniar, enganar. E para dizer a verdade, tudo isto acontece desde o princípio, por obra do espírito maligno que é apresentado pela Sagrada Escritura como *uma pessoa* embora afirmado que *não está só*: "somos muitos", respondem os diabos a Jesus, na região dos Gerasenos (*Mt. 5, 9*): "o diabo e os seus anjos", diz Jesus na descrição do juízo final (cf. *Mt. 25, 41*).

8. Segundo a Sagrada Escritura, e de modo especial no Novo Testamento, o domínio e o influxo de satanás e dos outros espíritos malignos abrange *todo o mundo*. Pensamos na parábola de Cristo sobre o campo (que é o mundo), sobre a boa semente e sobre aquela que não é boa, que o diabo semeia no meio do trigo procurando arrancar dos corações aquele bem que neles foi "semeado" (cf. *Mt.* 13, 36-39). Pensemos nas numerosas exortações à vigilância (cf. *Mt.* 26, 41; *1 Ped.* 5, 8), à oração e ao jejum (cf. *Mt.* 17, 21). Pensemos naquela forte afirmação do Senhor: "Esta casta de demônios só pode ser expulsa com oração" (*Mc.* 9, 29). A ação de satanás consiste primeiro que tudo em tentar os *homens ao mal*, influenciando na sua imaginação e nas suas faculdades superiores para as orientar em direção contrária à lei de Deus. Satanás *põe à prova até Jesus* (cf. *Lc.* 4, 3-13), na tentativa extrema de contrastar as exigências da economia da salvação como Deus a estabeleceu.

Não é para excluir que em certos casos o espírito maligno chegue até ao ponto de exercer o seu influxo não só sobre as coisas materiais, mas também sobre o *corpo do homem*, pelo que se fala de "possessos de espíritos impuros" (cf. *Mc.* 5, 2-9). Nem sempre é fácil discernir o que de preternatural acontece nestes casos, nem a Igreja condescende ou secunda facilmente a tendência a atribuir muitos fatos a intervenções diretas do demônio; mas em linha de princípio não se pode negar que, na sua vontade de prejudicar e de levar para o mal, satanás possa chegar a esta extrema manifestação da sua superioridade.

9. Devemos por fim acrescentar que as impressionantes palavras do Apóstolo João: "O mundo inteiro está sob o jugo do maligno" (*Jo.* 5, 19), aludem também à *presença de Satanás na história da humanidade*, uma presença que se acentua à medida que o homem e a sociedade se afastam

- 7 -

de Deus. O influxo do espírito maligno pode "ocultar-se" de modo mais profundo e eficaz: fazer-se ignorar corresponde aos seus "interesses". A habilidade de satanás no mundo está em induzir os homens a negarem a sua existência, em nome do racionalismo e de cada um dos sistemas de pensamento que procuram todas as escapatórias para não admitir a obra dele. Isto não significa, porém, responsabilidade do homem e nem sequer a frustração da ação salvífica de Cristo. Trata-se antes de um confronto entre as forças obscuras do mal e as forças da redenção. São eloqüentes, a este propósito, as palavras que Jesus dirige a Pedro no início da paixão: "Simão, olha que Satanás vos reclamou para vos joeirar como o trigo. Mas Eu roguei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça" (*Lc.* 22, 31).

Por isso compreendemos o motivo por que Jesus, na oração que nos ensinou, o "Pai Nosso", que é oração do Reino de Deus, termina quase bruscamente, ao contrário de muitas outras orações do seu tempo, recordando-nos a nossa condição de *expostos às insídias do Mal-Maligno*. O cristão, fazendo apelo ao Pai com o espírito de "Jesus e invocando o seu Reino, brada com a força da fé: não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal, do Maligno. Não nos deixeis, ó Senhor, cair na infidelidade a que nos tenta aquele que foi infiel desde o princípio.

A vitória da Cristo sobre o espírito do mal

Alocução da audiência geral de quarta-feira, 20 de agosto de 1997, publicado no jornal "L'Osservatore Romano", edição semanal em português n. 34 (874), 24 de agosto de 1986, pág. 12 (406).

1. As nossas catequeses sobre Deus, Criador das coisas "invisíveis", levaram-nos a iluminar e a retemperar a nossa fé no que se refere à verdade acerca do maligno ou de satanás, não certamente querido por Deus, sumo Amor e Santidade, cuja Providência sábia e forte sabe conduzir a nossa existência à vitória sobre o príncipe das trevas. A fé da Igreja, de fato, ensina-nos que *o poder de satanás não é infinito*. Ele é só uma criatura, poderosa enquanto espírito puro, sendo sempre uma criatura, com os limites da criatura, subordinada ao querer e ao domínio de Deus. Se satanás opera no mundo mediante o seu ódio contra Deus e o Seu Reino, isto é *permitido pela Divina Providência* que, com poder e vontade ("fortiter et suaviter"), dirige a história do homem e do mundo. Se a ação de satanás sem dúvida causa muitos danos - de natureza espiritual e indiretamente também de natureza física - aos indivíduos e à sociedade, ele *não está*, contudo, *em condições de anular a definitiva finalidade* para que tendem o homem e toda a criação, o Bem. Ele não pode impedir a edificação do Reino de Deus, no qual se terá, no fim, a plena realização da justiça e do amor do Pai para com as criaturas eternamente "predestinadas" no Filho-Verbo, Jesus Cristo. Podemos mesmo dizer com São Paulo que a obra do maligno concorre para o bem (cf. *Rom. 8, 28*) e que serve para edificar a glória dos "eleitos" (cf. *2 Tim 2,10*).

2. Assim toda a história da humanidade se pode considerar em função da salvação total, na qual está inscrita *a vitória de Cristo sobre o "príncipe deste mundo"* (*Jo. 12, 31; 14, 30; 16, 11*). "Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto" (*Lc. 4, 8*) diz peremptoriamente Cristo a satanás. Num momento dramático do seu ministério, a quem o acusava de modo impudente de expulsar os demônios por serem aliados de Belzebu, chefe dos demônios, Jesus responde com aquelas palavras severas e confortantes ao mesmo tempo: "Todo o reino dividido contra si mesmo ficará devastado e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma não poderá subsistir.

- 9 -

0 Ora, se Satanás expulsa Satanás, está dividido contra si mesmo: como há de subsistir o seu reino? ... Mas se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demônios quer dizer, então, que chegou até vós o reino de Deus" (*Mt. 12, 15-26/28*). "Quando um homem forte e bem armado guarda o seu palácio, os seus bens estão em segurança: mas, se aparece um mais forte e o vence, tira-lhe as armas em que confiava e distribuiu os seus despojos" (*Lc. 11, 21-22*). As palavras pronunciadas por Cristo a propósito do tentador encontram o seu cumprimento histórico na cruz e na Ressurreição do Redentor. Como lemos na Carta aos Hebreus, Cristo tornou-se participante da humanidade até à cruz "a fim de destruir, pela Sua morte, aquele que tinha o império da morte, isto é, o demônio, e libertar aqueles que

... estavam toda a vida sujeitos à escravidão" (*Heb. 2, 14-15*). Esta é a grande certeza da fé cristã: "o príncipe deste mundo *está condenado*" (*Jo. 16,11*): "Para isto é que o Filho de Deus se manifestou: *Para destruir as obras do demônio*" (*Jo. 3, 8*), como nos afirma São João. Por conseguinte, o Cristo crucificado e ressuscitado revelou-se como o "mais forte" que venceu "o homem forte", o diabo, e o destronou.

Na vitória de Cristo sobre o diabo participa a Igreja: Cristo, com efeito, deu aos seus discípulos o poder de expulsar os demônios (cf. *Mt. 10, 1* e paral.; *Mc. 16, 17*). A Igreja exerce este poder vitorioso mediante a fé em Cristo e a oração (cf. *Mc. 9, 29; Mt. 19 E S.*), que em casos específicos pode assumir a forma de exorcismo.

3. Nesta fase histórica da vitória de Cristo inscreve-se o anúncio e o início da vitória final, a Parusia, a segunda e definitiva vinda de Cristo no termo da história, em direção do qual está projetada a vida do cristão. Embora seja verdade que a história terrena continua a desenrolar-se sob o influxo daquele "espírito que - como diz São Paulo - atua nos rebeldes" (*Ef. 2, 2*), os crentes sabem que são chamados a lutar *pelo definitivo triunfo do Bem*: "Porque nós não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas contra os Principados e Potestades, contra os Dominadores deste mundo tenebroso, contra os Espíritos malignos espalhados pelos ares" (*Ef. 6, 12*).

A luta, à medida que se aproxima do seu termo, torna-se, *em certo sentido, cada vez mais violenta*, como põe em relevo de modo especial o Apocalipse, o último livro do Novo Testamento (cf. *Apoc. 12, 7-9*). Mas precisamente este livro acentua a certeza que nos é dada por toda a Revelação divina: isto é, que a luta *se concluirá* com a definitiva *vitória do bem*. Naquela

- 10 -

vitória, pré-contida no mistério pascal de Cristo, cumprir-se-á definitivamente o primeiro *anúncio do Livro do Génesis*, que é chamado, com termo significativo, proto-evangelho, quando Deus adverte a serpente: "Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher" (*Gen. 3, 15*). Naquela fase definitiva Deus, completando o mistério da sua paterna Providência, "livrará do poder das trevas" aqueles que eternamente "predestinou em Cristo" e "transferi-los-á para o Reino do Seu Filho muito amado" (cf. *Col. 1, 13-14*). Então o Filho sujeitará ao Pai também o universo inteiro, a fim de que "Deus seja tudo em todos" (*1 Cor. 15, 26*).

5. Aqui concluem-se as catequeses sobre Deus Criador das "coisas visíveis e invisíveis", unidas na nossa exposição com a verdade acerca da Divina Providência. Torna-se evidente aos olhos do crente que o *mistério do princípio* do mundo e da história se liga indissolúvelmente ao *mistério do termo*, no qual a finalidade de toda a criação chega ao seu cumprimento. O Credo, que une tão organicamente tantas verdades, é deveras a catedral harmoniosa da nossa fé.

De maneira progressiva e orgânica pudemos admirar estupefatos o grande mistério do intelecto e do amor de Deus, na sua ação criadora, para com o cosmos, para com homem, para com o mundo dos espíritos puros. Desta ação consideramos a matriz trinitária, a sapiente finalização para a vida do homem, verdadeira "imagem de Deus", por sua vez chamado a reencontrar plenamente a sua dignidade na contemplação da glória de Deus. Fomos iluminados acerca de um dos maiores problemas que

inquieta o homem e penetra a sua busca de verdade: *o problema do sofrimento e do mal*. Na raiz não está uma decisão de Deus errada ou má, mas a sua escolha e, de certo modo, o seu risco, de nos criar livres para nos ter como amigos. Da liberdade nasceu também o mal. Mas Deus não se rende, e com a sua sabedoria transcendente, predestinando-nos para sermos seus filhos em Cristo, tudo dirige com fortaleza e suavidade, para que o bem não seja vencido pelo mal.

Devemos agora deixar-nos guiar pela Divina Revelação na exploração de outros mistérios de nossa salvação. Entretanto recebemos uma verdade que deve estar a peito a todo o cristão; como existem espíritos puros, criaturas de Deus, inicialmente todas boas, e depois por uma escolha de pecado, separadas irredutivelmente em anjos de luz e anjos de trevas.

- 11 -

E enquanto a existência dos anjos maus requer de nós o sentido da vigilância para não cair nas suas tentações, estamos certos de que o vitorioso poder do Cristo Redentor circunda a nossa vida, a fim de que nós próprios sejamos vencedores. Nisto somos validamente ajudados pelos anjos bons, mensageiros do amor de Deus, aos quais nós, *ensinados pela tradição da Igreja*, dirigimos a nossa oração: "Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, pois a ti me confiou a piedade divina, hoje e sempre governa-me, rege-me, guarda-me e ilumina-me. Amém".

4 - Anjos, mensageiros da vontade redentora de Deus

Alocução do "*Regina Caeli*" do dia 31 de março, em Castel Gandolfo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português n. 14 (1425) de 5 de abril de 1997, pág. 12 (156).

Uma reflexão sobre os Anjos, mensageiros da vontade redentora de Deus

Caríssimos Irmãos e Irmãs!

1. Hoje é a Segunda-feira de Páscoa, tradicionalmente chamada a Segunda-Feira do Anjo porque, no evento extraordinário da Ressurreição, os anjos aparecem, ao lado das mulheres e dos Apóstolos, como protagonistas significativo. É precisamente um anjo que, do sepulcro vazio, dirige a primeira mensagem às mulheres que ali chegam para completar a inumação do corpo de Jesus. Ele diz-lhes: "*Não vos assusteis!*". E acrescenta: "*Ressuscitou, não está aqui*" (*Mt. 16, 6*).

Os anjos, além de na Ressurreição, estão presentes com discrição em todos os momentos mais importantes da vida de Jesus. Anunciam o Seu nascimento (cf. *Mt. 1, 20; Lc. 1, 26; 2, 9*), guiam a sua fuga para o Egito e o retorno à Pátria (cf. *Mt. 2, 13, 19*), servem-Lhe de conforto no final das tentações no deserto (cf. *Mt. 4, 11*) e na hora da paixão (cf. *Lc. 22, 43*); no fim dos tempos, estarão ao lado do Redentor no momento do Juízo sobre a história e o mundo (cf. *Mt. 13, 41*).

2. Os anjos, portanto, estão ao serviço dos planos de Deus nos momentos fundamentais da história da salvação. Com enviados de Deus, funcionam como mensageiros da Sua vontade redentora.

A presença dos anjos é vista pela Escritura e pela incessante fé eclesial como sinal de uma intervenção especial da Providência e como anúncio de realidades novas, que trazem consigo redenção e salvação.

A festa de hoje prolonga, então, a intensa alegria da Páscoa. A Liturgia repete: "Este é o dia feito pelo Senhor: alegremo-nos e exultemos!" O anúncio pascal, que o mensageiro divino dirigiu às mulheres, é repetido a cada um de nós pelo nosso anjo da guarda. "Não temas! Abre o coração a Cristo ressuscitado".

3. Pondo ao nosso lado o Seu anjo, o Senhor quer acompanhar cada momento de nossa existência com o Seu amor e com a Sua proteção, para que possamos combater a boa batalha da fé (cf. *Tm.* 6, 12) e testemunhar, sem temor nem hesitação, a nossa adesão a Ele, morto e ressuscitado para a nossa redenção.

Invoquemos a Rainha dos anjos e dos santos para que, sustentados pelo nosso anjo da guarda, saibamos ser cada dia autênticas testemunhas da Páscoa do Senhor."

5 - A realidade de satanás

"*Os ritos satânicos na doutrina da Igreja*", escrito por D. Angelo Scola, Reitor Magnífico da Pontifícia Universidade Lateranense, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português n. 10 (1.421), 8 de Março de 1997, pág. 10 (106).

(...)

2. A realidade de Satanás e as suas insídias contra o homem

"É possível falar, com seriedade e sem cair em excessos, de ritos satânicos: uma árvore venenosa que cresce no terreno inquinado da magia. Antes de mais, há que ter presente que a Igreja, por um lado, sempre reprovou a excessiva credulidade nessa matéria, condenando sem meios termos todas as formas de superstição, bem como a obsessão de Satanás e dos demônios, e os diversos ritos e formas de adesão maléfica a tais espíritos. Por outro lado, preveniu com sabedoria contra uma análise meramente racionalista desses mesmos fenômenos, tendente a identificá-los, sempre e tão-só, como desequilíbrios mentais. O comportamento da Igreja foi ao longo dos séculos caracterizado por uma serena atitude de fé.

Como recorda S. João Crisóstomo: "*É claro que não tenho o prazer em falar-vos do demônio, mas o ensinamento de que ele é ensejo, será certamente muito útil para vós*" (*De diabolo tentatore*, homil. II, 1).

Há uns vinte anos, era frequente deparar com discursos teológicos que negavam a existência do demônio e a sua real obra de insídia contra o homem. Foi por isso que Paulo VI sentiu a necessidade de repropor a fé da Igreja quanto a isto, na Audiência Geral de 15 de Novembro de 1972: *"O mal, portanto, não é só uma deficiência, mas uma eficiência, um ser vivo, espiritual, pervertido e pervertedor. Realidade terrível, misteriosa e assustadora. Sai do quadro do ensinamento bíblico e eclesialístico quem não acredita na sua existência, ou então, quem faz dela um princípio autónomo, que não tenha, como qualquer outra criatura, a sua origem em Deus; ou quem a explora como uma pseudo-realidade, uma personificação conceitual e fantasiosa das causas ignotas dos nossos problemas"*.

- 14 -

Tais palavras repropunham a doutrina constante do Magistério da Igreja (séc. V-VI; DS 266, 291, 325, 457-463; séc. XIII; DS 797; séc. XV-XVI; DS 1349, 1511; séc. XVII; DS 2192, 2241, 2243-2245, 2251; séc. XX: DS 3514), sobretudo a do IV Concílio Lateranense de 1215, cujo conteúdo foi objeto de profunda análise no documento *"Les formes multiples de la superstition"*, publicado pela Congregação para a Doutrina da Fé (28 de Junho de 1975). O pronunciamento do Lateranense IV, contra os albigenses e os cátaros, afirma: *"O diabo, com efeito, e os outros demônios foram criados por Deus com uma natureza boa, tornando-se maus por si próprios. Depois, o homem pecou por sugestão do demônio"* (DS 800). João Paulo II, no ciclo de catequese sobre a criação (9 e 30 de Julho e 13 de Agosto de 1986), repete a mesma doutrina, que o Catecismo da Igreja Católica exprimirá com clareza: *"Por detrás da opção desobediente dos nossos progenitores, existe uma voz sedutora, que se opõe a Deus e que, por inveja, os faz cair na morte. A Escritura e a Tradição da Igreja vêem nesse ser um anjo decaído, chamado satanás ou diabo. A Igreja ensina que, no princípio, ele era um anjo bom, criado por Deus ... O Diabo, de fato, e os outros demônios foram criados por Deus como sendo bons por natureza, mas tornaram-se maus por si próprios"* (Catecismo da Igreja Católica, 391). É, portanto, impensável negar a existência real de um ser criado por Deus. Note-se, todavia, que o Catecismo, na linha da inteira Tradição da Igreja, fala do demônio em termos de subordinação à história da salvação, no âmbito da criação e do pecado original. Tal opção corta pela raiz toda a possibilidade de dualismo que ponha Satanás no mesmo nível de Deus. A história da salvação não é a luta, em paridade de forças, entre o Deus da misericórdia e o pai da mentira. Toda ele é definida pela onipotência do Pai, que enviou o seu Filho *"para destruir as obras do demônio"* (1 Jo. 3, 8). Existe um só princípio do ser e, portanto, só há uma possibilidade de vitória: toda a obra de Satanás traz, desde o princípio, as marcas do derrotado. *"Assim, o poder de Satanás não é infinito. Este não passa de uma criatura; poderosa por ser puro espírito, mas sempre uma criatura. Não pode impedir a construção do Reino de Deus. Embora Satanás atue no mundo, levado pelo ódio contra Deus e contra o Seu Reino em Jesus Cristo, e embora a sua ação cause para cada homem e para a sociedade danos graves, de natureza espiritual e, indiretamente, também física, a sua ação é permitida pela Divina Providência, que conduz a história do homem e do mundo com força e suavidade. A permissão divina da atividade do demônio é um grande mistério, mas "sabemos que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus" (Rm. 8, 28)"* (Catecismo da Igreja Católica, 395).

- 15 -

Embora derrotado, Satanás continua a criar dificuldades aos filhos de Deus, porque a vitória de Cristo aguarda o momento de se

manifestar definitivamente na Sua Parusia. Aquele a quem, desde o princípio, chamam homicida (cf. Jo. 8, 44) arma constantemente ciladas aos fiéis para separá-los do seu Redentor: "*Seria um erro funesto comportar-se como se, considerando a história já decidida, também a redenção tivesse já alcançado os seus objetivos, sem ser mais necessário empenhar-se na luta, de que falam o Novo Testamento e os mestres da vida espiritual*" ("*Les formes multiples de la superstition*", op. cit.). A vida cristã contém uma intrínseca dimensão de luta, a que ninguém pode escapar. Santo Agostinho fala das duas cidades, contraditórias entre si, e Santo Inácio de Loyola, grande mestre da vida espiritual, deixou-nos no livro dos seus Exercícios a famosa meditação das duas bandeiras, que exprime, com vivacidade a luta do cristão. De fato, a salvação do homem não pode ser automática, porque tem em conta a sua liberdade. Se assim não fosse, considerá-la-íamos inevitavelmente um fator extrínseco, não "conveniente" à nossa pessoa, que tem por emblema precisamente a liberdade. A experiência da liberdade finita, porém, introduz na situação do *viator*, a possibilidade do erro, que pode levar, por causa do pecado, até à rebelião contra o Bem supremo. O homem, no exercício da sua liberdade, pode escolher um bem finito, tomando-o por Bem absoluto. É no contexto da natureza limitada e ferida do homem que se põe o discurso da ação o do maligno e das suas tentações e seduções."

- 16 - *Na manhã de domingo, 24 de maio de 1987, o Santo Padre transferiu-se para o Monte Sant'Angelo, aonde chegou por volta das 8h30. Tendo sido acolhido por um grande número de pessoas, após as saudações do Presidente da Câmara Municipal e do Arcebispo de Manfredônia (província de Fógia, Itália), o Papa dirigiu a todos as seguintes palavras:*

(publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, nº 21 (913), de 31 de maio de 1987 pág. 4 (284).

1. Estou feliz de me encontrar no meio de vós à sombra deste Santuário de São Miguel Arcanjo, que há quinze séculos é meta de peregrinação e ponto de referência para quantos procuram a Deus e desejam por-se no seguimento de Cristo, por meio de Quem "foram criadas todas as coisas, nos Céus e na Terra, as visíveis e as invisíveis, os Tronos, as Dominações, os Principados e as Potestades" (*Col. 1, 16*).

Saúdo cordialmente todos vós, peregrinos, aqui vindos das cidades que circundam este magnífico promontório de Gárgano, que oferece ao olhar do visitante enlevos deliciosos com a sua paisagem suave, florida, e com característicos grupos de oliveiras que se debruçam sobre a rocha. Saúdo em particular as Autoridades civis e religiosas, que contribuíram para tornar possível este encontro pastoral: saúdo o Arcebispo de Manfredônia, Mons. Valentino Vallati, a quem se dirige o meu agradecimento pelas palavras com que se dignou introduzir esta manifestação de fé. Saúdo também e sobretudo os Padres Beneditinos da Abadia de Montevergine, que têm o cuidado espiritual deste santuário. A eles, e de modo especial ao seu Abade, Dom Tomaso Agostino Gubitosa, exprimo a minha gratidão pela animação cristã e pelo clima espiritual que por eles são assegurados a quantos aqui vêm para retemperar o seu espírito nas fontes da fé.

2. A este lugar, como já fizeram no passado tantos Predecessores meus na Cátedra de Pedro, vim também eu para gozar um instante da atmosfera própria deste santuário, feita de silêncio, de oração e de penitência; vim para venerar e invocar o Arcanjo São Miguel, para que

proteja e defenda a Santa Igreja, num momento em que é difícil dar um autêntico testemunho cristão, sem compromissos e sem acomodamentos.

- 17 -

Desde quando o Papa Gelásio I concedeu, em 493, o seu assentimento à dedicação da gruta das aparições do Arcanjo São Miguel a lugar de culto e aqui realizou a sua primeira visita, concedendo a indulgência do "Perdão angélico", uma série de romanos pontífices seguiu os seus passos para venerar este lugar sagrado. Entre eles recordam-se Agapito I, Leão IX, Urbano II, Inocêncio II, Celestino III, Urbano VI, Gregório IX, São Pedro Celestino e Bento XV. Também numerosos Santos aqui vieram para haurir força e conforto. Recordo São Bernardo, São Guilherme de Vercelli, fundador da Abadia de Montevergine, São Tomas de Aquino, Santa Catarina de Sena; entre estas visitas, permaneceu justamente célebre e ainda hoje continua viva a que foi realizada por São Francisco de Assis, que veio aqui para preparar a Quaresma de 1221. A tradição diz que ele, considerando-se indigno de entrar na gruta sagrada se teria detido na entrada, gravando um sinal da cruz numa pedra.

Esta viva e jamais interrompida frequência de peregrinos ilustres e humildes, que desde a alta Idade Média até aos nossos dias fez deste Santuário um lugar de encontro de oração e de reafirmação da fé cristã, diz quanto a figura do Arcanjo Miguel, que é protagonista em tantas páginas do Antigo e do Novo Testamento, é seguida e invocada pelo povo, e quanto a Igreja tem necessidade da sua proteção celeste, dele que é apresentado na Bíblia como o grande lutador contra o dragão, o chefe dos demônios. Lemos no Apocalipse: "Travou-se uma batalha no céu: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o Dragão e este pelejava também juntamente com os seus anjos. Mas não prevaleceram, e não houve mais lugar no Céu para eles. O grande Dragão foi precipitado, a antiga serpente, o Diabo, ou satanás, como lhe chama, o sedutor do mundo inteiro, foi precipitado na terra, juntamente com os seus anjos" (*Apoc. 12, 7-9*). O autor sagrado apresenta-nos nesta dramática descrição o fato da queda do primeiro Anjo, que foi deduzido pela ambição de se tornar "como Deus". Daqui a reação do Arcanjo Miguel, cujo nome hebraico "Quem como Deus?", reivindica a unicidade de Deus e a sua inviolabilidade.

3. Por mais fragmentárias que sejam, as notícias da Revelação sobre a personalidade e o papel de São Miguel, são muito eloquentes. Ele é o Arcanjo (cf. *Jud. 1, 9*) que reivindica os direitos inalienáveis de Deus. É um dos príncipes do céu posto como guarda do Povo Eleito (cf. *Dan. 12,1*), de onde virá o Salvador. Ora, o novo Povo de Deus é a Igreja. Eis a razão pela qual ela o considera como próprio protetor e defensor em todas as suas lutas pela defesa e a difusão do reino de Deus na terra. É verdade que "as portas do inferno nada poderão contra ela", segundo a afirmação do Senhor (*Mt. 16, 18*) mas isto não significa que estamos isentos das provas e das batalhas contra as insídias do maligno.

Nesta luta, o Arcanjo Miguel está ao lado da Igreja para a defender contra todas as iniquidades do século, para ajudar os crentes a resistir ao demônio que "anda ao redor, como um leão que ruge, buscando a quem devorar" (1, *Pedr. 5,8*).

Esta luta contra o Demônio, a qual caracteriza a figura do Arcanjo Miguel, é atual também hoje, porque o demônio está ainda vivo e operante no mundo. Com efeito, o mal que nele existe, a desordem que se

humildes e ilustres, que já há mais de mil anos sobem a este monte, isto é, desde que São João Vicente, Bispo e eremita, quis encastoar a igreja - quase um ninho de águia - no cimo mais elevado, fazendo-se herdeiro da devoção ao Arcanjo, para aqui trazida, no século VI, pelos monges persas e depois continuada pelos Bizantinos e pelos Longobardos.

Saúdo as Autoridades civis e os Representantes das Entidades públicas e das Superintendências, assim como os que pertencem à associação dos "Amigos do Santuário", que nestes últimos tempos promoveram e apoiaram os trabalhos de restauração e da consolidação deste monumento de fé e de arte. Mas o meu pensamento dirige-se, de modo particular para os beneméritos Padres Rosminianos, chamados pelo meu Predecessor, o Papa Gregório XVI, em 1836, para se ocuparem do Santuário; o meu pensamento dirige-se também para o Preposto-Geral do Instituto da Caridade, Padre João Baptista Zantedeschi, para o Senhor Dom Antônio Riboldi, Bispo de Acerra, e para o Senhor D. Clemente Riva, Bispo Auxiliar de Roma. A eles e a todos os membros do Instituto estou grato pela animação cristã e o clima espiritual que asseguram a todos os que vêm aqui para retemperar o próprio espírito.

2. A sugestiva peregrinação a este lugar sagrado é um apelo ao primado absoluto de Deus Senhor da História.

O nosso mundo inquieto, levado muitas vezes pelo frenesi e atordoado pelos ruídos, tem necessidade de lugares privilegiados como este, capaz de fazer redescobrir o sentido profundo da vida e de fazer encontrar o próprio rosto, na contemplação da imagem do Filho do Homem, que se manifestou aqui a gerações de Monges beneditinos e continua a revelar-se como dom de graça a todos aqueles que O buscam com coração sincero.

O silêncio, a solidão, a escuta e a oração, que aqui são favorecidos por uma incomparável moldura natural, artística e histórica, não podem deixar de suscitar pensamentos elevados nem de alimentar o coração do homem, sempre sedento da verdade, que é Deus mesmo. Certamente evocam ao seu espírito as palavras do Evangelho, onde o Senhor afirma: "Quem escuta as Minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; mas não caiu, porque estava fundada sobre a rocha" (Mt. 7, 24-25). Esta é talvez a lição que aprendeu, nos numerosos momentos de recolhimento e de contemplação vividos dentro destas paredes, o Bispo Eduardo José Rosaz, que esta manhã, em Susa, tive a alegria de inscrever no álbum dos Beatos.

3. O Arcanjo São Miguel aqui representado no ato tradicional de esmagar a cabeça do dragão, símbolo do mal, é um dos Príncipes do Céu, posto por Deus a proteger o Povo de Deus (cf. *Dan.* 12,1). Justamente, pois o Povo de Deus considera-o e invoca-o como protetor e apoio na luta contra o mal e na obra de difusão do Reino do Senhor na terra.

Com estes sentimentos, ao mesmo tempo que vos confio à proteção do Arcanjo São Miguel, concedo a todos, de coração, a minha Bênção, com especial pensamento para as crianças, os doentes e todos aqueles que vivem na marginalização e no abandono.

A vitória da Cristo sobre o espírito do mal, alocução da audiência geral de quarta-feira, 20 de agosto de 1986, publicado no jornal

"*L'Osservatore Romano*", edição semanal em português n. 34 (874), 24 de agosto de 1986, pág. 12 (406).

2. Assim toda a história da humanidade se pode considerar em função da salvação total, na qual está inscrita a vitória de Cristo sobre o "príncipe deste mundo" (Jo. 12, 31; 14, 30; 16, 11). "Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto" (Lc. 4, 8) diz peremptoriamente Cristo a satanás. Num momento dramático do seu ministério, a quem o acusava de modo impudente de expulsar os demônios por serem aliados de Belzebu, chefe dos demônios, Jesus responde com aquelas palavras severas e confortantes ao mesmo tempo: "Todo o reino dividido contra si mesmo ficará devastado e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma não poderá subsistir. Ora, se Satanás expulsa Satanás, está dividido contra si mesmo: como há de subsistir o seu reino? ... Mas se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demônios quer dizer, então, que chegou até vós o reino de Deus" (Mt. 12, 15-26/28). "Quando um homem forte e bem armado guarda o seu palácio, os seus bens estão em segurança: mas, se aparece um mais forte e o vence, tira-lhe as armas em que confiava e distribuiu os seus despojos" (Lc. 11, 21-22). As palavras pronunciadas por Cristo a propósito do tentador encontram o seu cumprimento histórico na cruz e na Ressurreição do Redentor. Como lemos na Carta aos Hebreus, Cristo tornou-se participante da humanidade até à cruz "a fim de destruir, pela Sua morte, aquele que tinha o império da morte, isto é, o demônio, e libertar aqueles que ... estavam toda a vida sujeitos à escravidão" (Heb. 2, 14-15). Esta é a grande certeza da fé cristã: "o príncipe deste mundo está condenado" (Jo. 16,11): "Para isto é que o Filho de Deus se manifestou: Para destruir as obras do demônio" (Jo. 3, 8), como nos afirma São João. Por conseguinte, o Cristo crucificado e ressuscitado revelou-se como o "mais forte" que venceu "o homem forte", o diabo, e o destronou.

Na vitória de Cristo sobre o diabo participa a Igreja: Cristo, com efeito, deu aos seus discípulos o poder de expulsar os demônios (cf. Mt. 10, 1 e paral.; Mc. 16, 17). A Igreja exerce este poder vitorioso mediante a fé em Cristo e a oração (cf. Mc. 9, 29; Mt. 19 E S.), que em casos específicos pode assumir a forma de exorcismo.

3. Nesta fase histórica da vitória de Cristo inscreve-se o anúncio e o início da vitória final, a Parusia, a segunda e definitiva vinda de Cristo no termo da história, em direção do qual está projetada a vida do cristão. Embora seja verdade que a história terrena continua a desenrolar-se sob o influxo daquele "espírito que - como diz São Paulo - atua nos rebeldes" (Ef. 2, 2), os crentes sabem que são chamados a lutar *pelo definitivo triunfo do Bem*: "Porque nós não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas contra os Principados e Potestades, contra os Dominadores deste mundo tenebroso, contra os Espíritos malignos espalhados pelos ares" (Ef. 6, 12).

A luta, à medida que se aproxima do seu termo, torna-se, *em certo sentido, cada vez mais violenta*, como põe em relevo de modo especial o Apocalipse, o último livro do Novo Testamento (cf. Apoc. 12, 7-9). Mas

precisamente este livro acentua a certeza que nos é dada por toda a Revelação divina: isto é, que a luta se *concluirá* com a definitiva *vitória do bem*. Naquela vitória, pré-contida no mistério pascal de Cristo, cumprir-se-á definitivamente o primeiro *anúncio do Livro do Génesis*, que é chamado, com termo significativo, proto-evangelho, quando Deus adverte a serpente: "Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher" (*Gen. 3, 15*). Naquela fase definitiva Deus, completando o mistério da sua paterna Providência, "livrará do poder das trevas" aqueles que eternamente "predestinou em Cristo" e "transferi-los-á para o Reino do Seu Filho muito amado" (cf. *Col. 1, 13-14*). Então o Filho sujeitará ao Pai também o universo inteiro, a fim de que "Deus seja tudo em todos" (*1 Cor. 15, 26*).

5. Aqui concluem-se as catequeses sobre Deus Criador das "coisas visíveis e invisíveis", unidas na nossa exposição com a verdade acerca da Divina Providência. Torna-se evidente aos olhos do crente que o *mistério do princípio* do mundo e da história se liga indissolúvelmente ao *mistério do termo*, no qual a finalidade de toda a criação chega ao seu cumprimento. O Credo, que une tão organicamente tantas verdades, é deveras a catedral harmoniosa da nossa fé.

De maneira progressiva e orgânica pudemos admirar estupefatos o grande mistério do intelecto e do amor de Deus, na sua ação criadora, para com o cosmos, para com homem, para com o mundo dos espíritos puros. Desta ação consideramos a matriz trinitária, a sábia finalização para a vida do homem, verdadeira "imagem de Deus", por sua vez chamado a reencontrar plenamente a sua dignidade na contemplação da glória de Deus. Fomos iluminados acerca de um dos maiores problemas que inquietam o homem e penetram a sua busca de verdade: *o problema do sofrimento e do mal*. Na raiz não está uma decisão de Deus errada ou má, mas a sua escolha e, de certo modo, o seu risco, de nos criar livres para nos ter como amigos. Da liberdade nasceu também o mal. Mas Deus não se rende, e com a sua sabedoria transcendente, predestinando-nos para sermos seus filhos em Cristo, tudo dirige com fortaleza e suavidade, para que o bem não seja vencido pelo mal.

Devemos agora deixar-nos guiar pela Divina Revelação na exploração de outros mistérios de nossa salvação. Entretanto recebemos uma verdade que deve estar a peito a todo o cristão; como existem espíritos puros, criaturas de Deus, inicialmente todas boas, e depois por uma escolha de pecado, separadas irredutivelmente em anjos de luz e anjos de trevas. E enquanto a existência dos anjos maus requer de nós o sentido da vigilância para não cair nas suas tentações, estamos certos de que o vitorioso poder do Cristo Redentor circunda a nossa vida, a fim de que nós próprios sejamos vencedores. Nisto somos validamente ajudados pelos anjos bons, mensageiros do amor de Deus, aos quais nós, *ensinados pela tradição da Igreja*, dirigimos a nossa oração: "Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, pois a ti me confiou a piedade divina, hoje e sempre governa-me, rege-me, guarda-me e ilumina-me. Amém".